



Visão

02-05-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Saúde

Dimensão: 1279

Imagem: S/Cor

Página (s): 60 a 62



SOCIEDADE SAÚDE

Fora do sistema A filha de Teresa Carvalho nasceu em casa e só toma medicamentos homeopáticos. A mãe decidiu não vacinar Gaia porque confia que o corpo consegue vencer as doenças por si só

Sarampo volta a matar?

Os movimentos antivacinas podem estar a ameaçar décadas de campanhas de prevenção. Inglaterra já está a lidar com um surto da doença. Em Portugal, o fenómeno começa a dar que falar

POR LUÍS RIBEIRO E SARA SÁ

Cheguei a ter 46 crianças internadas no Hospital de Santa Maria, por causa do sarampo. Vi cegueira, surdez, encefalites», conta a pediatra Paula Valente, 71 anos. A médica não esquece que, até 1994, os surtos aconteciam sempre a cada dois anos. Em 1987, por exemplo, o sarampo matou 30 pessoas em Portugal. Depois de um reforço das campanhas de vacinação e da antecipação dos 15 para os 12 meses da idade da imunização, os casos passaram a ser residuais e quase sempre importados. Uma realidade bem diferente da britânica, onde ocorre um surto de sarampo que já atingiu mais de 800 pessoas – uma delas, um homem de 25 anos, terá mesmo morrido com complicações da doença.

As autoridades inglesas temem que possam registar-se mais mortes até meados

de maio, quando o surto atingir o seu pico, tendo lançado uma gigantesca campanha de vacinação. Centenas de pais estão agora a fazer fila à porta dos centros de saúde, para inocular os seus filhos, dando ouvidos aos médicos britânicos, que relacionam o surto com o crescimento dos grupos antivacinação e a conseqüente descida da cobertura vacinal de 92% para 87% da população.

Teresa Carvalho, 31 anos, não se deixa assustar por estas notícias. «Se acreditamos e confiamos no poder do nosso corpo, ele sozinho consegue resolver a situação.» Foi esta convicção que a levou a optar por um parto em casa e a não vacinar a filha Gaia, hoje com 3 anos. «É mais do que uma opção pela não vacinação, é uma ideologia de vida», acrescenta. Vegetariana e adepta da homeopatia (uma medicina alternativa não

validada pela ciência), estudou História de Arte mas hoje dedica todo o seu tempo a cuidar de Gaia, que, como explica orgulhosa, nunca precisou de ser vista por um médico.

Os desconfiados

Manuela Tavares, 60 anos, é médica de clínica geral e entende bem esta opção. Praticante de homeopatia, é a referência na região de Lisboa para os que se escusam a vacinar as crianças. Ela própria seguiu este caminho com os três filhos, à exceção do tétano. «Aparecem-me pessoas que foram rejeitadas pelos pediatras só porque não aceitavam vacinar os filhos. Eu discuto todas as opções, apoio os pais na decisão de não vacinar e explico que a imunização, em Portugal, não é obrigatória.»

Mesmo não sendo obrigatória – exige-se «apenas» um termo de responsabilidade aos pais que não cumpram o Programa Nacional de Vacinação (PNV) – Portugal tem sido considerado um exemplo na Europa, atingindo taxas de cobertura vacinal da ordem dos 95 por cento. «É uma coisa de que nos podemos orgulhar. Nos congressos médicos chegam a desconfiar dos nossos dados, de tão bons que são», sublinha Paula Valente, consultora do PNV. Dos 8 326 casos ▶

Verdades e mitos sobre as vacinas

Guia para esclarecer as principais dúvidas e compreender as objeções levantadas relativamente ao processo de imunização

> O que é uma vacina?

A vacina contém uma forma morta ou enfraquecida de um vírus ou bactéria ou uma componente da sua superfície.

Quando somos vacinados, o sistema imunitário produz anticorpos contra o agente infeccioso. Digamos que o corpo fica munido de um arsenal, pronto a combater quando aparecer uma infeção. Desta forma, a doença não chega a desenvolver-se.

> Têm efeitos secundários adversos?

Todos os medicamentos podem ter efeitos secundários, e as vacinas não são exceção – embora sejam consideradas mais seguras que outros medicamentos. Algumas possíveis consequências passam por irritações cutâneas no local da picada, febres baixas, fadiga, irritabilidade e náuseas. Em raríssimos casos, podem acontecer reações alérgicas graves, como com qualquer outro remédio.

> Quais as doenças abrangidas pelo Programa Nacional de Vacinação (PNV)?

Tuberculose, hepatite B, difteria, tétano, tosse convulsa, poliomielite, meningites e septicemias causadas pelo meningococo C, sarampo, parotidite, rubéola, tétano, doenças provocadas pelo vírus haemophilus influenzae tipo b e HPV (vírus do papiloma humano, só para meninas a partir dos 13 anos).

> As tomas do PNV são obrigatórias?

Não. Em Portugal, o objetivo é conseguir taxas de vacinação iguais ou superiores a 95%, mas nenhuma das dez vacinas do PNV



Alerta Em Portugal, 95% da população estará imunizada mas um inquérito recente revela que 13% dos pais vêem nas vacinas mais riscos que benefícios

é obrigatória. São, no entanto, fortemente recomendadas (os pais que decidem não vacinar os filhos têm de assinar um termo de responsabilidade). Na União Europeia, a vacina do sarampo, parotidite e rubéola é obrigatória em oito países.

> As crianças vacinadas estão completamente protegidas, em caso de surto?

As vacinas são muito eficazes, mas não resultam em todas as pessoas vacinadas. No caso do sarampo ou da poliomielite, por exemplo, 99 em cada 100 crianças inoculadas ficam protegidas, para o resto da vida. Aquelas cujo sistema imunitário não respondeu à vacina podem ficar infetadas, caso contactem com o vírus. É por isso que é tão

importante manter elevadas taxas de vacinação – acima dos 95% – para que atinja a imunidade de grupo. As pessoas que não estão protegidas fazem aumentar a probabilidade das outras, vacinadas mas não imunes, também apanharem a doença.

> A vacina combinada VASPR (sarampo, papeira e rubéola) pode causar autismo?

Em 1998, um estudo com 12 crianças, da autoria do médico britânico Andrew Wakefield e publicado na revista científica The Lancet, parecia



apontar numa ligação entre esta vacina e o autismo, seis anos mais tarde, e depois de inúmeros investigadores tentarem replicar o estudo sem chegarem às mesmas conclusões, o jornal Sunday Times revelou que Wakefield estava a ser pago por advogados que pretendiam utilizar esses dados como base para processar as empresas farmacêuticas produtoras das vacinas. Entretanto, um comité de médicos concluiu que o estudo era uma completa e absoluta fraude. Andrew Wakefield perdeu a licença e ficou impedido de voltar a praticar medicina no Reino Unido.

> Os níveis de alumínio nas vacinas são preocupantes?

Existe alumínio em algumas vacinas, para estimular o sistema imunitário. Mas não há aqui nada de excecional. Afinal, o alumínio é um dos elementos mais comuns na Terra – consumimo-lo pela comida, pelo ar e pela água. E eliminamo-lo rapidamente pelos rins. Além disso, o alumínio presente nas vacinas é residual. Durante os primeiros seis meses de vida, um bebé recebe cerca de 4 miligramas deste metal por esta via. No mesmo período, ingere 10 miligramas de alumínio através do leite materno: se beber leite artificial, a quantidade cresce para 40 miligramas; e se a criança beber leite infantil à base de soja, acabará por consumir 120 miligramas de alumínio nesses mesmos seis meses, sem que tal represente um problema para a sua saúde.



Maria Afonso Sancho O sarampo, defende a blogger antivacinação, é «uma doença boa, de limpeza e harmonização, uma mera crise de crescimento»

de sarampo na União Europeia, em 2012, apenas oito aconteceram em Portugal. Uma situação que se pode reverter. Num inquérito feito pela Associação da Indústria Farmacêutica, Apifarma, revelado na semana passada, 13% dos inquiridos com filhos menores de 13 anos responderam que «há vacinas que podem trazer mais riscos que benefícios.»

Manuela Valente acredita que são cada vez mais os portugueses que desconfiam das injeções. «Tenho uma clientela do ambiente urbano, diferenciada, que viveu fora de Portugal ou tem origem em países como a Holanda, a Itália ou a Alemanha. Pessoas que sabem que a vacinação não é inócua.»

As vítimas colaterais

Os movimentos antivacinação explodiram em 1998, com a publicação de um artigo na revista científica *The Lancet*, que relacionava a vacina tripla do sarampo, papeira e rubéola com o autismo. Apesar de, mais tarde, se ter provado que o estudo era fraudulento (o que levou o seu autor, Andrew Wakefield, a perder a licença de médico em Inglaterra), as sequelas ficaram – ainda hoje muita gente cita o artigo como justificação para não vacinar os filhos, lado a lado com o alumnio presente nas vacinas (ver *Perguntas & Respostas*).

Para António Vaz Carneiro, diretor do Centro de Estudos da Medicina Baseada na Evidência, estes pais «põem as suas crenças à frente da ciência. É difícil introduzir racionalidade nesta discussão». O professor da Faculdade de Medicina da Universidade de

Lisboa chama mesmo «tragédia» a esta tendência, que pode afetar gravemente bebês com menos de um ano, pessoas com sistema imunitário debilitado e até uma pequena percentagem da população vacinada. «A imunidade de grupo [taxa de vacinação acima de



‘Os pais põem as suas crenças à frente da ciência. É difícil introduzir racionalidade na discussão’

VAZ CARNEIRO PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

95%] é fundamental», nota Vaz Carneiro. «E a vacinação preventiva é uma das vitórias da medicina e do génio humano. Erradicou 90% das mortes. Deixámos de morrer de varíola, de febre tifoide...», lembra.

Nem toda a gente acredita que essas doenças tenham desaparecido devido às vacinas. «Isso é um mito. O que acabou com a varíola foi a higiene», assegura Maria Afonso Sancho, *blogger* e ex-naturopata, que abandonou o curso de medicina por se ter desiludido com o método científico: «Os cientistas têm dificuldade em aceitar outros pontos de vista.»

Maria admite que vacinou os filhos «porque os colégios exigiam», mas espera que o mesmo não aconteça aos netos. «As vacinas são a primeira coisa com que o Governo podia poupar dinheiro. Quem quisesse, pagava.» O sarampo, acrescenta, «é, tal como a gripe, uma doença boa, de limpeza e harmonização. Uma mera crise de crescimento, que faz parte da adaptação do nosso corpo à idade adulta.»

Os esquecidos

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, as vacinas salvam 2,5 milhões de vidas por ano. Mas não são a estas fontes que os grupos antivacinação dão crédito. O portal americano *National Vaccine Information Center* é a sua bíblia – apesar de não estar associado a nenhum instituto científico nem a qualquer organismo governamental. «Na internet, há sites bons e maus», alerta a pediatra Paula Valente. Estas teorias antivacinação costumam estar associadas a estilos de vida alternativos, explica. «Há a ideia do retorno à natureza, o que é incoerente, porque as pessoas não abdicam das tecnologias, como os telemóveis.»

Por enquanto, em Portugal, estas correntes ainda não são significativas, acredita Ana Leça, diretora de Serviços de Prevenção da Doença e Promoção da Saúde, da Direção-Geral da Saúde. «A maioria dos pais continua a acreditar na mensagem transmitida pelos profissionais de saúde. A prova disso é que, apesar das epidemias [de sarampo] na Europa, incluindo Espanha, o nosso país se tem mantido a salvo.» Mas, na instituição que gere o PNV, teme-se pelos filhos destas pessoas. «Em Portugal, é muito fácil ser-se antivacinação, porque toda a gente beneficia da imunidade de grupo; agora, se estas crianças forem para regiões com taxas mais baixas de vacinação, estarão suscetíveis.» É a falta de memória que está na base destes movimentos, defende Ana Leça. «A multidão de pais aberta a estas teorias nunca viveu com o drama do sarampo. Nunca viu uma criança morrer com a doença.»